

**ECONOMIA DA FELICIDADE: ESTUDO EMPÍRICO SOBRE OS
DETERMINANTES DA FELICIDADE EM PAÍSES SELECIONADOS DA
AMÉRICA LATINA**

**HAPPINESS ECONOMICS: EMPIRICAL STUDY ON THE DETERMINANTS
OF HAPPINESS IN SELECTED COUNTRIES OF LATIN AMERICA**

Pedro Henrique de Morais Campetti

Economista, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Email: Pedro_campetti@yahoo.com.br

Tiago Wickstrom Alves

Economista, doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Email: wickstrom.alves@gmail.com

RESUMO

Este estudo objetiva compreender os condicionantes da felicidade dos indivíduos na América Latina, através de dados do *World Values Survey* para Argentina, Brasil, Chile, México, Peru e Uruguai. A metodologia de pesquisa utilizada baseou-se em uma Regressão por Mínimos Quadrados Ordinários fundamentada em uma revisão bibliográfica sobre o tema Felicidade em Economia e, empiricamente, buscou avaliar os determinantes da felicidade através de sete fatores selecionados a partir de Layard (2005): situação financeira, relacionamentos familiares, trabalho, comunidade e amigos, saúde, liberdade pessoal e valores pessoais. Os resultados encontrados apontaram que estes fatores são capazes de explicar a felicidade dos indivíduos.

Palavras-chaves: Felicidade; Economia da Felicidade; Satisfação; Bem-Estar Subjetivo.

ABSTRACT

This paper aims to understand the determinants of individuals' happiness in Latin America. The data used is from the *World Values Survey* for the countries Argentina, Brazil, Chile, Mexico, Peru and Uruguay. The research methodology used was based on a regression by Ordinary Least Squares and on an literature review on the subject of Happiness in Economics and, empirically, sought to evaluate the determinants of happiness through seven factors selected by Layard (2005): financial situation, family relationships, work, community and friends, health, personal freedom and personal values. The results indicated that these factors can explain the happiness of individuals.

Keywords: Happiness; Economics Happiness; Satisfaction; Subjective Well-being.

Classificação JEL: I31

1 INTRODUÇÃO

É intrínseco ao ser humano o propósito de alcançar uma vida feliz e fazer o melhor de suas vidas (GIANNETTI, 2002). A felicidade é considerada por muitos a principal meta de vida, praticamente todos os indivíduos querem ser felizes (FREY, 2008). Nas ciências sociais, felicidade tem sido objeto de debate por longo tempo. Em Filosofia e Ética, tem sido sempre um tópico central (ver, por exemplo, SUMNER, 1999). Na Psicologia, o assunto também tem sido discutido em diversos estudos (ARGYLE, 2001; MICHALOS, 1991; MYERS, 1993; KAHNEMAN; DIENER; SCHWARZ, 1999). Em Sociologia, há importantes contribuições (VEENHOVEN, 1993; 2005). Inclusive nas Ciências Políticas há trabalhos sobre o tema (INGLEHART, 1990; LANE, 2000).

Em Economia, a felicidade esteve em pauta desde seus primórdios: “Bentham, Mill e Smith incorporaram a busca da felicidade em seus trabalhos” (GRAHAM, 2005, p. 2). A corrente principal em Economia (Mainstream) – também chamada Economia Tradicional ou Ortodoxa – traduziu a felicidade em termos como prazer (Bentham), utilidade (Jevons, Menger, Walras), escolhas (Pareto), preferências (Hicks) ou escolhas racionais (Samuelson) (HUNT, 2005; BRUNI, 2006; 2007). Recentemente, novos estudos têm discutido a felicidade através de trabalhos empíricos, tendo como pioneiro as pesquisas de Easterlin (1974).

Easterlin (1974) demonstrou que, apesar de a felicidade estar associada diretamente com uma renda mais alta, a felicidade reportada nos Estados Unidos entre os anos de 1946-1970 permaneceu, na média, estagnada, não obstante o forte crescimento econômico ocorrido no período. Estudos posteriores parecem ter confirmado as descobertas de Easterlin quanto à relação no longo prazo entre a estagnação da felicidade e o aumento do produto real nos Estados Unidos (EASTERLIN, 1995; DI TELLA; MACCULLOCH; OSWALD, 2003). Os mesmos resultados foram encontrados em outros países desenvolvidos. No Japão, a renda per capita cresceu seis vezes entre 1958 e 1991, mas a satisfação de vida reportada pelos japoneses permaneceu estável no período ou mesmo diminuiu (EASTERLIN, 2000). Países europeus como Dinamarca, Alemanha e Itália igualmente experimentaram

crescimento substancial da renda real per capita entre 1965 e 1990, mas um aumento pequeno na satisfação de vida relatada (DIENER; OISHI, 2000).

NG (1997) destaca que nos países economicamente avançados há evidências de que, para a sociedade como um todo e no longo prazo, o dinheiro não compra felicidade, ou pelo menos não muita. Ele explica que, uma vez atendidas as necessidades básicas e os confortos da vida, o consumo pode ainda causar prejuízos como problemas relacionados ao excesso de obesidade, colesterol e estresse. Corroborando neste sentido Layard (2005) ao afirmar que, apesar dos avanços econômicos, expressões concretas de infelicidade têm aumentado, tais como depressão, alcoolismo, crime e suicídio. Diener e Oishi (2000) consideram, por sua vez, os problemas ambientais relacionados ao desenvolvimento econômico e, também, a perda relativa de valores como o amor, o desenvolvimento pessoal e a espiritualidade em prol da prosperidade material. Outra explicação de que o simples aumento do estoque de dinheiro não é, por si só, fator determinante para a felicidade, conforme Frey (2008) e Layard (2005), refere-se a questões psicológicas como *comparações sociais* – isto é, a comparação da posição econômica relativa que os indivíduos fazem entre si – e *adaptação hedônica* – ou seja, bens materiais e serviços proporcionam prazer extra, mas isto é transitório, já que os indivíduos passam a ter aspirações maiores de consumo.

Estudos em Economia, como o de Layard (2005), entre outros, têm então aprimorado recentemente o entendimento dos determinantes da felicidade. Esse autor detectou que há certos fatores como relacionamentos familiares, situação financeira, trabalho, comunidade e amigos, saúde, liberdade pessoal e valores pessoais, os quais afetam em maior grau a felicidade dos indivíduos. Podem-se citar também os trabalhos de Frey e Stutzer (2002a) e Dolan, Peasgood e White (2008), que identificaram as potenciais influências sobre o bem-estar dos indivíduos em diferentes categorias.

Deste modo, as pesquisas que relacionam felicidade com outros fatores que não unicamente renda e consumo, como as de Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a) e Dolan, Peasgood e White (2008), conduzem a uma questão relevante: Quais são os condicionantes da felicidade dos indivíduos?

A resposta para esta questão é o que move esta pesquisa, ou seja, especificamente o objetivo central é averiguar, através de pesquisa empírica, quais os fatores mais relevantes para a determinação da felicidade. Para este fim, foi construído

um modelo de regressão para testar as várias dimensões do bem-estar humano com o nível de felicidade reportado. Tem como recorte regional as pesquisas na América Latina do *World Values Survey* para os países Argentina, Brasil, Chile, México, Peru e Uruguai.

A apresentação dos resultados da pesquisa neste trabalho foi estruturada, além desta Introdução, da seguinte forma: na seção 2 Revisão Bibliográfica foi apresentada a vertente denominada Economia da Felicidade, sendo discutido como são feitas e qual a viabilidade das pesquisas empíricas sobre a felicidade, também sendo apresentados estudos recentes que trataram dos determinantes da felicidade dos indivíduos e que ofereceram algumas respostas. Na seção 3 Procedimentos Metodológicos foi constituído um modelo de regressão, o qual visa captar os determinantes da felicidade dos indivíduos, além de apresentada a base de dados que será utilizada para este fim. Na seção 4 Análise e Discussão dos Resultados foi estimado o modelo de regressão através de análise econométrica, sendo então apresentados e discutidos os resultados. Por fim, há as seções 5 Considerações Finais e 6 Bibliografia.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A Economia da Felicidade avalia o bem-estar através da combinação de técnicas de economistas e psicólogos e se baseia em noções mais amplas de utilidade do que na Economia Tradicional. As pesquisas destacam outros fatores que afetam o bem-estar além de renda e consumo, sendo adequada para informar questões em áreas onde as preferências reveladas fornecem informações limitadas, como, por exemplo, os efeitos sociais da desigualdade do desemprego, possibilitando potenciais contribuições para a política (GRAHAM, 2008).

Na Economia da Felicidade, o bem-estar é compreendido através de aspectos subjetivos. O bem-estar subjetivo enfatiza a avaliação que os indivíduos fazem de suas próprias vidas, isto é, o quanto pensam e sentem que suas vidas estão indo bem, e leva em conta quatro componentes: emoções agradáveis como alegria, contentamento, felicidade, amor; Emoções desagradáveis como tristeza, raiva, preocupação, estresse; Julgamento da vida como um todo, como por exemplo avaliação geral da vida,

realização, significado, sucesso e; Satisfação de domínios da vida tais como casamento, trabalho, lazer, saúde (DIENER; SELIGMAN, 2004).

Pode-se considerar como o prelúdio do tópico felicidade em Economia, através de pesquisas empíricas, o trabalho do economista Easterlin (1974). Ele constatou que, em qualquer período, os indivíduos ricos são mais felizes que os pobres. Contudo, a felicidade média reportada nos Estados Unidos entre os anos de 1946-1970 permaneceu estagnada, não obstante o forte crescimento econômico ocorrido no período. Em síntese, a constatação de Easterlin foi que “[...] at any particular time richer individuals are happier than poorer ones, but over time the society did not become happier as it became richer” (SACHS, 2012, p. 4). Convencionou-se chamar esta descoberta como *Paradoxo da Felicidade*, também conhecido por *Paradoxo de Easterlin*.

Posteriormente, outros estudos confirmaram que, no longo prazo, o crescimento econômico dos países não proporcionou, na média, maior felicidade aos indivíduos. Cassiers e Delain (2006) apresentaram um estudo relacionando a evolução do PIB real per capita de diversos países com a felicidade média reportada por seus habitantes. Os autores constataram que, mesmo com o aumento da renda dos indivíduos, a felicidade permaneceu estagnada nos Estados Unidos, Japão, Países Baixos, França, Alemanha e Dinamarca, destacando-se ainda uma queda abrupta da felicidade na Bélgica e uma tendência ascendente unicamente na Itália.¹ Layard (2005) também constatou que não houve aumento na felicidade reportada nos Estados Unidos e no Japão nos últimos 50 anos e na Europa desde 1973, quando iniciaram os registros. Ainda é possível citar uma série de trabalhos, os quais obtiveram igual resultado, nos países pesquisados em seus estudos, quanto à relação, no longo prazo, entre a estagnação da felicidade e o aumento do produto real: Di Tella, Macculloch e Oswald (2003), Diener e Oishi (2000), Easterlin (1995; 2000) e Kahneman e Krueger (2006).

Após Easterlin (1974), o tema Felicidade passou a ser abordado por outros pesquisadores, evoluindo constantemente através dos trabalhos de Scitovsky (1976), Hirsch (1977), Ng (1978), Layard (1980) e Frank (1985), ao acrescentarem importantes contribuições. Em 1993 foi organizado um simpósio em Londres sobre Felicidade e Economia, possibilitando que os procedimentos fossem posteriormente publicados no

¹ Dados da pesquisa cobrem o período de 1947 a 2005 para os Estados Unidos, de 1958 a 2005 para o Japão e de 1973 a 2005 para os países da Europa.

*The Economic Journal*². Em razão disto, “Since the late 1990s, economists have started to contribute large-scale empirical analyses of the determinants of happiness in different countries and periods” (FREY; STUTZER, 2002b, p. 404). Já na década de 2000, a interface Felicidade e Economia tem sido tema de livros de conceituados autores³, a Felicidade é tema de pesquisa em mais de 3.000 estudos empíricos⁴ e inclusive ganhou ênfase em periódicos não acadêmicos, como, por exemplo, a conceituada revista *The Economist*⁵.

Um dos meios comumente utilizados em Economia da Felicidade para saber se as pessoas estão mais ou menos felizes em relação à vida que levam, e à medida que as condições de mundo se modificam, é *perguntando a elas*, o que proporciona uma medida de bem-estar subjetivo.

Nas últimas três décadas, uma formidável bateria de questionários e entrevistas vem sendo aplicada a amostras representativas das populações de dezenas de países, principalmente entre os de alta renda per capita, procurando obter respostas sobre o grau de felicidade (elevada, moderada ou baixa) dos indivíduos com a sua vida como um todo (GIANNETTI, 2002, p. 62-63).

Entretanto, até recentemente, se uma pessoa dissesse estar feliz, os céticos diriam que é apenas um estado subjetivo, pois não havia meios para mostrar qualquer conteúdo objetivo. Porém, na atualidade há critérios científicos estabelecidos e validados capazes de medir o bem-estar subjetivo dos indivíduos (LAYARD, 2005). Como consequência destes avanços, felicidade, para os economistas, geralmente não é *definida*, mas empiricamente *mensurada* (BRUNI; PORTA, 2007b). Deste modo, em Economia da Felicidade tem-se utilizado a felicidade reportada como forma de analisar a composição do bem-estar dos indivíduos, o que também poderia ser utilizado como medida da utilidade. Ou seja, os economistas que utilizam estes dados retomam a ideia

² Foi feito um recorte especial sobre o tema na *The Economic Journal* com os trabalhos de Dixon (1997), Frank (1997), Ng (1997) e Oswald (1997).

³ Este artigo utilizou, entre outras referências, os seguintes livros: Bruni (2006), Bruni e Porta (2005, 2007a), Bruni e Zamagni (2010), Frey (2008), Frey e Stutzer (2002a, 2007), Giannetti (2002) e Layard (2005).

⁴ Dados segundo Veenhoven (2005).

⁵ Na última década, a *The Economist* tem feito diversas matérias tratando de questões relacionadas à Economia da Felicidade. Ao pesquisar no site da revista (www.economist.com) palavras chaves como “happiness and economics”, “subjective well-being”, “economics of happiness”, é possível encontrar mais de duas dezenas de artigos a respeito.

de que a utilidade das pessoas *pode e deve* ser mensurada⁶, mas desta vez em termos de felicidade relatada (FREY; STUTZER, 2002a).

Por exemplo, para avaliar a felicidade, Easterlin (1974, p. 91) utilizou a seguinte pergunta, retirada do banco de dados *Gallup*: “[t]aken all together, how would you say things are these days – would you say that you are *very happy*, *fairly happy*, or *not very happy*?” A partir das respostas, ele fez uma escala (1) *very happy*, (2) *fairly happy* e (3) *not very happy*, de modo que a felicidade reportada pode ser comparada com outras variáveis. Segundo Easterlin (1974), nas pesquisas do *Gallup*, a pergunta sobre a felicidade estava combinada com 50 ou mais questões, muitas destas tratando de eventos da época ou políticos, sendo que a questão sobre status econômico se encontrava no final da pesquisa.

Na atualidade, a configuração dos questionários continua semelhante, com uma ou duas questões relacionadas à felicidade ou satisfação de vida como um todo, seguido por perguntas sobre temas sociais, políticos, econômicos, relacionado à vida do indivíduo, fatos contemporâneos, dentre outros. Uma síntese dos principais bancos de dados (*surveys*) que utilizam medidas de bem-estar subjetivo em pesquisas nacionais ou transnacionais pode ser encontrada no artigo de Dolan, Peasgood e White (2008). Eles relacionam 19 bancos de dados em uma tabela, organizada em quatro colunas com as seguintes informações: nome da instituição de pesquisa, os detalhes de cada banco de dados, a(s) questão(ões)-chave sobre a felicidade ou satisfação e a escala de respostas.

Desta forma, diversos economistas tem utilizado a estrutura teórica da Economia da Felicidade para analisar os determinantes do bem-estar dos indivíduos e influenciar políticas econômicas. Além disso, conforme Layard (2005), a Felicidade poderia ser assinalada como um objetivo central da sociedade, de modo que as realizações sociais passem a ser avaliadas de acordo com a capacidade de aumentarem a felicidade dos indivíduos. Para este fim, os determinantes da felicidade balizariam, em parte, os objetivos de política econômica e social. Uma análise breve de alguns destes determinantes é interessante para compreender como se dão estas pesquisas e quais os

⁶ De acordo Frey e Stutzer (2002a), os critérios científicos para avaliar a felicidade são a confiabilidade, a validade, a coerência e a comparabilidade. Os autores destacam a importância de uma cuidadosa construção do questionário, uma amostra representativa e uma quantidade suficiente de dados, de modo que erros dispersos na felicidade reportada sejam tratados através da aplicação de técnicas econométricas adequadas.

resultados encontrados, sendo que alguns destes contradizem a teoria tradicional, o que será feito nos parágrafos seguintes.

Em relação à renda, Frey e Stutzer (2002a) asseveram que há razões para as quais maior renda não se traduz simplesmente em felicidade, sendo a mais importante a que se refere ao fato de as pessoas compararem-se umas com as outras⁷. Neste caso, não é a renda absoluta que importa mais, mas sim a renda relativa, a qual se refere à posição relativa de um indivíduo em relação a outros. Corroborando neste quesito Luttmer (2005), que descobriu em sua pesquisa que, controlando a variável renda do próprio indivíduo, maiores ganhos de vizinhos estão associados a níveis mais baixos de felicidade relatada.

Outro aspecto crucial para a felicidade são as relações familiares, comunitárias e entre amigos. Layard (2005) detectou que mudanças na estrutura familiar causam uma grande diferença na felicidade. Situações como divórcio, separação e viuvez causam redução na felicidade relatada dos indivíduos. Easterlin (2003, 2005) constatou, em um estudo do ciclo de vida de gerações entre 18 e 80 anos, que pessoas casadas mantêm seus níveis de felicidade, enquanto dissoluções matrimoniais causam efeito negativo. Helliwell e Putnam (2004) verificaram que a qualidade da vida comunitária está fortemente ligada ao bem-estar subjetivo através de diferentes formas, dentre as quais os laços de amizade, incluindo vizinhos e colegas de trabalho, o engajamento civil e a confiança social. Na Economia Tradicional, aspectos familiares e comunitários não costumam entrar em pauta, pois os objetivos econômicos vislumbrados são outros, referentes a questões de ordem material e não sociais.

Um último exemplo interessante é o trabalho, que é algo que proporciona mais que renda, proporciona um sentido para a vida e o sentimento de estar contribuindo para a sociedade como um todo. Por isto, o desemprego se equipara a um desastre na vida das pessoas, pois reduz suas rendas, destrói a autoestima e as relações sociais criadas através do trabalho (LAYARD, 2005). Verificam-se então custos psicológicos e sociais relacionados ao desemprego. Primeiro, pelo fato de produzir depressão, ansiedade e baixa estima; segundo pelo estigma social existente (FEATHER, 1990 apud FREY; STUTZER, 2002a). Como consequência, a pessoa desempregada tem, em média, uma felicidade inferior àquela empregada, conforme averiguado empiricamente nos estudos

⁷ Interessantes exemplos de comparações sociais são apresentados por Ariely (2008, 2010) e Layard (2005).

de Layard, (2005), Frey e Stutzer (2002a) e Di Tella, Macculloch e Oswald (2001). Estes dados comprovam a correlação positiva entre felicidade e emprego, resultado diferente da concepção ortodoxa em Economia, que analisa o desemprego como uma escolha feita entre alternativas distintas e que, em certos aspectos, estar sem emprego não é fator de sofrimento (FREY; STUTZER, 2002a). Da mesma forma, lazer possui correlação positiva com a felicidade. Entretanto, uma das principais atividades de lazer da atualidade é assistir televisão, o que está relacionado com infelicidade quando a maior parte do tempo livre é utilizada para este fim⁸. Estes resultados distinguem-se das concepções tradicionais relacionadas à perda de utilidade (ou seja, de prazer, satisfação) proporcionado pelo trabalho e do ganho dessa proporcionada pelo lazer (FREY; STUTZER, 2002a).

Tabela 1 – Estudos sobre os condicionantes da felicidade dos indivíduos

| Parâmetros | Pesquisas que estudaram o parâmetro | Sinal¹ |
|---|---|--------------------------|
| Satisfação com a situação financeira familiar | Layard (2005), Frey, Stutzer (2002a) e Luttmer (2005) | + |
| Estado civil casado | Layard (2005) e Easterlin (2003, 2005) | + |
| Empregado | Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a) e Di Tella, Macculloch e Oswald (2001) | + |
| Confiança nas pessoas e participação em atividades comunitárias | Layard (2005) e Helliwell e Putnam (2004) | + |
| Saúde muito boa ou boa | Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a), Mehnert et al. (1990) e Easterlin (2005) | + |
| Liberdade de escolha | Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a) e Veenhoven (2000) | + |
| Importância de Deus na vida do indivíduo | Layard (2005) e Frey e Stutzer (2002a) | + |

Nota: ¹ Representa o Sinal Esperado, que significa o que o resultado obtido nas pesquisas demonstrou que o parâmetro apresenta sinal positivo sobre a felicidade.

Assim sendo, verifica-se a retomada dos estudos sobre felicidade pelos economistas. Na Tabela 1 foram sintetizados os estudos apresentados nos parágrafos anteriores além de outros que tratam dos determinantes da felicidade. Esta base

⁸ Bruni e Stanca (2008) apresentam estudo empírico em que concluem que o tempo gasto assistindo televisão tem um efeito negativo e significativo sobre o tempo gasto com atividades de voluntariado, recreativas, convivência com amigos, familiares, que proporcionam maior satisfação aos indivíduos.

informacional servirá para validar, ou não, os resultados empíricos obtidos neste trabalho. Ou seja, os resultados sobre os determinantes da felicidade alcançados pelos autores apresentados anteriormente servirão para comparar com os resultados obtidos neste estudo, o que será apresentado na seção 4 Análise e Discussão dos Resultados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção será proposto um modelo econométrico para tentar avaliar os fatores determinantes do nível de felicidade reportado. Será subdividido em duas subseções, uma para apresentar o modelo econométrico, descrever as variáveis explicativas e elucidar como o mesmo será estimado; outra para apresentar a base de dados utilizada e o tratamento que necessitou ser feito nos dados.

3.1 Modelo de Regressão

Assume-se que a Felicidade reportada (F) pelos indivíduos é função de 7 elementos: situação financeira (Fin), relacionamentos familiares (Fam), trabalho (Tra), comunidade e amigos (Com), saúde (Sau), liberdade pessoal (Lib) e valores pessoais (Val), com base em Layard (2005), além do sexo e do país, variáveis demográficas estas acrescentadas à função. Para testar essa função, criou-se o modelo econométrico, apresentado na equação (1), e a estimação do modelo realizada por mínimos quadrados ordinários no software Eviews 7.

$$F = \alpha + \beta_1 Fin * DFin + \sum_{i=2}^8 \beta_i D_i Fam + \sum_{i=9}^{16} \beta_i D_i Tra + \sum_{i=17}^{20} \beta_i D_i Com + \sum_{i=21}^{23} \beta_i D_i Sau + \beta_{24} Lib * DLib + \beta_{25} Val * DVal + \beta_{26} D_{26} DemSexo + \sum_{i=27}^{32} \beta_i D_i DemPais + \varepsilon \quad (1)$$

Onde:

F = Felicidade reportada, com escala entre 1 e 10.

α = Coeficiente linear que representa um indivíduo residente no Uruguai, que não sabe ou não opinou seu estado civil e/ou sua situação empregatícia e/ou se as pessoas são confiáveis ou não e/ou sua condição de saúde e/ou possui outra situação não informada.

β_i = Parâmetros a serem estimados com $i \in I: [1, 32]$.

ε = termo de perturbação estocástica que representa o efeito de todas as demais variáveis que impactam no nível de felicidade e que não estão no modelo.

Fin = Nível de satisfação com a situação financeira da família, medida em escala de 1 a 10. Espera-se que o parâmetro estimado, associado a esta variável, seja positivo, tendo por base os resultados Layard (2005), Frey, Stutzer (2002a) e Luttmer (2005).

DFin = Variável *dummy* criada a partir da variável Fin1, em que:

{ 1 se respondeu, 0 se não sabe ou não opinou }

D_iFam = Estado Civil. Dados os resultados de Layard (2005) e Easterlin (2003, 2005), espera-se que estar casado proporciona maior felicidade em relação aos outros estados civis. Variável decomposta em 7 *dummies*, onde:

D2Fam { 1 se casado, 0 o contrário }

D3Fam { 1 se morando junto, 0 o contrário }

D4Fam { 1 se divorciado, 0 o contrário }

D5Fam { 1 se separado, 0 o contrário }

D6Fam { 1 se viúvo, 0 o contrário }

D7Fam { 1 se solteiro, 0 o contrário }

D8Fam { 1 se não sabe ou não opinou, 0 o contrário } – variável associada à constante.

D_iTra1 = Situação empregatícia. Dados os resultados Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a) e Di Tella, Macculloch e Oswald (2001), espera-se que as pessoas empregadas sejam mais felizes. Variável decomposta em 8 *dummies*:

D9Tra { 1 se empregado em período integral, 0 o contrário }

D10Tra { 1 se empregado em meio-período, 0 o contrário }

D11Tra { 1 se autônomo, 0 o contrário }

D12Tra { 1 se aposentado ou pensionista, 0 o contrário }

D13Tra { 1 se dona de casa não remunerada, 0 o contrário }

D14Tra { 1 se estudante, 0 o contrário }

D15Tra { 1 se desempregado, 0 o contrário }

D16Tra { 1 se em outra condição ou não sabe ou não opinou, 0 o contrário } – associada à constante.

D_iCom = Confiança nas pessoas e participação em atividades comunitárias. É esperado que quem confia nas pessoas seja mais feliz, tendo por base os resultados de Layard (2005), e que o envolvimento social, através de atividades comunitárias, tenha relação direta com a felicidade de acordo com Helliwell e Putnam (2004). Variável decomposta em 4 *dummies*:

D17Com { 1 se a maioria das pessoas são confiáveis, 0 o contrário }

D18Com { 1 se é preciso ser muito cuidadoso com a maioria das pessoas, 0 o contrário }

D19Com { 1 para não participa de qualquer tipo de atividade comunitária, 0 o contrário }

D20Com { 1 se não sabe ou não opinou, 0 o contrário } – variável eliminada e associada à constante.

D₃Sau = Condição de saúde. Dados os resultados de Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a), Mehnert et al. (1990) e Easterlin (2005), espera-se que pessoas em boas condições de saúde sejam mais felizes. Variável decomposta em 3 *dummies*, onde:

D21Sau { 1 se reportar saúde muito boa ou boa, 0 o contrário }

D22Sau { 1 se reportar saúde razoável ou ruim, 0 o contrário }

D23Sau { 1 se não sabe ou não opinou, 0 o contrário } – variável associada à constante.

Lib = Liberdade de escolha, medida em escala entre 1 e 10. Espera-se que o parâmetro estimado, associado a esta variável, seja positivo, tendo por base os resultados de Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a) e Veenhoven (2000).

DLib = Variável *dummy* criada a partir da variável Lib1, em que:

{ 1 se respondeu, 0 se não sabe ou não opinou }

Val = Importância de Deus na vida do indivíduo, medida em escala entre 1 e 10. Espera-se que o parâmetro estimado, associado a esta variável, seja positivo, tendo por base os resultados de Layard (2005) e Frey e Stutzer (2002a).

DVal = Variável *dummy* criada a partir da variável Val1, em que:

{ 1 se respondeu, 0 se não sabe ou não opinou }

D₂₆Sexo = Sexo. Dados os resultados de Layard (2005) e Frey e Stutzer (2002a), espera-se que o parâmetro estimado desta variável seja positivo. Variável *dummy*, em que:

{ 1 se mulher, 0 o contrário }

D_iPais = País. Variável incluída pelo autor para fazer a análise dos dados de acordo com o país. Variável composta de 6 *dummies*, onde:

D27Dem { 1 se México, 0 o contrário }

D28Dem { 1 se Argentina, 0 o contrário }

D29Dem { 1 se Brasil, 0 o contrário }

D30Dem { 1 se Chile, 0 o contrário }

D31Dem { 1 se Peru, 0 o contrário }

D32Dem { 1 se Uruguai, 0 o contrário } – variável associada à constante.

3.2 Base de Dados

A Base de Dados utilizada é proveniente do *World Values Survey* (WVS) – www.worldvaluessurvey.org. O WVS surgiu de um estudo lançado pelo *European Values Survey group* (EVS) em 1981, através de pesquisa em 24 países da Europa. Desde então ocorreram outras quatro grandes pesquisas, contemplando diversos países ao redor do mundo e fornecendo informações sobre crenças individuais, política, economia, assuntos religiosos, sociais e éticos, finanças pessoais, relações familiares e sociais, felicidade e satisfação com a vida (WVS, 2012). As pesquisas do WVS são realizadas através de questionários apresentados em escala global. Dentro de cada país, as amostras são selecionadas aleatoriamente em todas as unidades administrativas regionais. Todas as entrevistas são feitas pessoalmente, em domicílio e no idioma nacional. Cinco *waves* (ondas) de pesquisa do WVS estão atualmente disponíveis (1981-1984, 1989-1993, 1994-1998, 1999-2004, 2005-2008), totalizando 334 mil entrevistas, em 97 países pesquisados, os quais representam 88% da população mundial (INGLEHART et al., 2000; WVS, 2012). Conforme página da Internet da instituição WVS, a próxima *wave* será disponibilizada no início de 2014.

A amostra utilizada para este trabalho foi obtida gratuitamente através do arquivo da *wave* de 2005-2008 (WVS, 2009), que contempla uma amostra de 77 mil indivíduos de 54 países. Para este trabalho, foram selecionadas apenas as informações relacionadas a Argentina, Brasil, Chile, México, Peru e Uruguai, únicos países da América Latina disponíveis nesta *wave*, totalizando uma amostra de 7.562 pessoas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Utilizando o modelo dado na equação (1) e de posse do banco de dados proveniente do WVS (2009), foi possível estimar os determinantes da felicidade dos indivíduos através do método econométrico de mínimos quadrados ordinários. No texto que segue será demonstrado como foram tratadas as variáveis da função de felicidade (1) e como foram estimadas. Em seguida, serão analisados os resultados encontrados.

Antes de estimar o modelo proposto, fez-se uma avaliação de existência de multicolinearidade através de uma análise de correlação entre as variáveis explicativas. Nesta análise verificou-se a existência de dois casos de colinearidade, pois apresentavam correlação

maior que 0,70 ou menor que -0,70 entre duas variáveis: D17Com x D18Com e D21Sau x D22Sau. Nestes dois casos, o motivo da multicolinearidade é o fato da primeira variável ser o oposto da segunda, no sentido de possuir a tendência de influenciar a felicidade, enquanto a segunda não. A opção foi eliminar as variáveis D18Com e D22Sau.

Com a retirada das variáveis descritas acima, estimou-se a equação (1) e obteve-se o resultado apresentado na Tabela 2, denominado de Modelo Inicial. Ao se observar os p-valoros dos β estimados, verifica-se que algumas variáveis não foram significativas no modelo. Se elas forem mantidas na regressão poderia estar cometendo um viés de especificação, pois se estaria incluindo variáveis redundantes. Ainda, como este estudo está baseado em um modelo exploratório, isso é, não há um modelo teórico que indique as variáveis e sua forma funcional, fez-se uma regressão com todas as variáveis que foram selecionadas e se excluiu as não significantes, pelo teste da razão de máxima verossimilhança (LR) para avaliar variáveis redundantes e, ao mesmo tempo, avaliando a estabilidade dos parâmetros estimados pelo teste de Wald⁹. Deste modo, as variáveis relevantes, que permaneceram na regressão depois deste processo, estão discriminadas na Tabela 2, resultado este que será denominado como Modelo Final.

Tabela 2 – Resultados do modelo de regressão

| Variável | Modelo Inicial | | Modelo Final | | Variável | Modelo Inicial | | Modelo Final | |
|----------|----------------|---------|--------------|---------|----------|----------------|---------|--------------|---------|
| | Beta | P-Valor | Beta | P-Valor | | Beta | P-Valor | Beta | P-valor |
| Fin*DFin | 0,228 | 0,000 | 0,229 | 0,000 | D17Com | 0,003 | 0,957 | – | – |
| D2Fam | 0,006 | 0,993 | – | – | D19Com | -0,182 | 0,000 | -0,181 | 0,000 |
| D3Fam | -0,209 | 0,750 | -0,223 | 0,001 | D21Sau | 0,484 | 0,000 | 0,477 | 0,000 |
| D4Fam | -0,217 | 0,744 | -0,226 | 0,088 | Lib*DLib | 0,184 | 0,000 | 0,183 | 0,000 |
| D5Fam | -0,472 | 0,475 | -0,482 | 0,000 | Val*DVal | 0,074 | 0,000 | 0,074 | 0,000 |
| D6Fam | -0,204 | 0,758 | -0,167 | 0,076 | D26Sexo | 0,128 | 0,011 | 0,117 | 0,019 |
| D7Fam | -0,191 | 0,770 | -0,175 | 0,001 | D27Pais | -0,127 | 0,133 | -0,121 | 0,148 |
| D10Tra | 0,086 | 0,335 | – | – | D28Pais | -0,369 | 0,000 | -0,369 | 0,000 |

⁹ O teste LR é dado por $LR = 2(l_{ir} - l_r) \sim \chi^2$ (mgl). Onde LR é o teste da razão de máxima verossimilhança; l é o logaritmo da função de verossimilhança restrita (r) e irrestrita (ir); LR segue uma distribuição qui-quadrado com o número de graus de liberdade igual ao número restrições impostas ao modelo (GUJARATI, 2000). O teste de Wald (Wt) testa restrições sobre os parâmetros estimados e é calculado, supondo $y = X\beta + \varepsilon$, com restrições lineares $R\beta = r$, por: $Wt = \frac{(R\hat{\beta} - r)'[R(X'X)^{-1}R']^{-1}(R\hat{\beta} - r)/q}{(e'e)/(n-k)} \sim F(q, n-k)$. Wt segue uma distribuição F e a

definição dos graus de liberdade dada na equação dependem de q , o número de restrição, e $n-k$, número de observações menos o número de parâmetros estimados (SOARES; CASTELAR, 2003).

| | | | | | | | | | |
|--------|--------|-------|--------|-------|-----------|--------|-------|--------|-------|
| D11Tra | 0,022 | 0,744 | – | – | D29Pais | 0,084 | 0,292 | 0,072 | 0,360 |
| D12Tra | 0,141 | 0,102 | – | – | D30Pais | -0,263 | 0,002 | -0,264 | 0,002 |
| D13Tra | 0,267 | 0,000 | 0,217 | 0,001 | D31Pais | -0,084 | 0,291 | -0,086 | 0,273 |
| D14Tra | 0,164 | 0,105 | – | – | Constante | 4,002 | 0,000 | 4,062 | 0,000 |
| D15Tra | -0,145 | 0,093 | -0,197 | 0,013 | | | | | |

Por fim, fez-se um teste de heterocedasticidade, pelo método White¹⁰, para o modelo Final. Este teste indicou, para 154 graus de liberdade, um F-estatístico igual a 7,724, gerando um p-valor igual a 0,000. Ou seja, pelo teste de White o modelo é fortemente heterocedástico, ferindo uma das hipóteses básicas para modelos de regressão por mínimos quadrados ordinários. Porém, embora se tenha heterocedasticidade em elevado nível, não é um problema para o presente estudo, uma vez que se busca neste estudo apenas determinar os betas e não fazer testes de hipóteses ou previsões. Esta afirmação sustenta-se no fato de que na presença de heterocedasticidade “os estimadores de mínimos quadrados ordinários para os parâmetros são não tendenciosos e consistentes, mas não são eficientes; isto é, as variâncias dos parâmetros estimados não são variâncias mínimas” (PINDYCK; RUBINFELD, 2004, p. 167). E, ainda, em Gujarati (2000, p. 364-365), que afirma que estimadores com e sem presença de heterocedasticidade, $\hat{\beta}_2^*$ e $\hat{\beta}_2$ respectivamente, “serão iguais ao verdadeiro β_2 . [...] a situação torna-se muito séria se não somente usarmos o valor de β_2 , como também continuarmos a usar a fórmula usual da variância.” Assim, dado o problema de multicolinearidade, utilizou-se a matriz consistente de White no processo de estimação.

O Modelo Final, com exceção das variáveis D29PAIS e D31PAIS, todas as outras são altamente significantes, sendo que as duas últimas se referem aos países da pesquisa, não sendo estritamente necessário que as mesmas sejam estatisticamente significantes para mantê-las no modelo, pois referem-se a *dummies* da mesma variável. Outra informação relevante é a magnitude do coeficiente de determinação ajustado (R^2 ajustado). Para o Modelo Final o R^2 ajustado foi de 0,23, ou seja, o modelo final explica 23% das variações na felicidade reportada pelos indivíduos.

¹⁰ O teste de White é feito tomando o erro da regressão e regredindo contra as variáveis explicativas em nível, ao quadrado e cruzadas, ou seja, no caso de duas variáveis explicativas, como $y = \beta_0 + \beta_1 x_1 + \beta_2 x_2 + u_i$, então: $u_i^2 = \alpha_0 + \alpha_1 x_1 + \alpha_2 x_2 + \alpha_3 x_1^2 + \alpha_4 x_2^2 + \alpha_5 x_1 x_2 + v_i$. A multiplicação do R^2 desta regressão e multiplicado pelo número de observações segue uma distribuição Qui-quadrado, ou seja: $n.R^2 \sim \chi^2_{gl}$. Sendo gl = número de repressores exceto o intercepto (no caso do exemplo $gl = 5$). Se $n.R^2 > \chi^2_{gl}$ rejeitamos a hipótese nula de homocedasticidade. E o p-valor fornece a probabilidade exata de ocorrer a hipótese nula (GUJARATI, 2000).

Além disso, utilizando as variáveis apresentadas no Modelo Final, foi avaliada a felicidade média dos indivíduos, conforme apresentado na Tabela 3, possibilitando-se o uso desta estatística descritiva também para a análise dos resultados. A partir destes resultados, passa-se a analisar detalhadamente cada um dos fatores obtidos nesse modelo.

Tabela 3 – Resultados da felicidade média

| Variável | Descrição | | Felicidade Média | | | | | | |
|---------------------|--|---------------------|------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| | | | T ¹ | ARG | BRA | CHI | MEX | PER | URU |
| Fin | Satisfação com situação | Alta (entre 8 e 10) | 8,5 | 8,5 | 8,4 | 8,4 | 8,7 | 8,1 | 8,5 |
| | financeira familiar | Baixa (entre 1 e 7) | 7,1 | 7,2 | 7,3 | 6,8 | 7,5 | 6,7 | 7,1 |
| D _i Fam | Estado Civil | Casado | 7,8 | 7,9 | 7,9 | 7,4 | 8,4 | 7,2 | 7,6 |
| | | Outro | 7,4 | 7,6 | 7,5 | 7,1 | 8,0 | 6,9 | 7,4 |
| D _i Tra | Situação empregatícia | Desempregado | 7,2 | 7,0 | 7,2 | 7,1 | 8,0 | 6,6 | 7,0 |
| | | Outra | 7,6 | 7,8 | 7,7 | 7,3 | 8,2 | 7,0 | 7,5 |
| D _i Com | Participa em atividades comunitárias | Sim | 7,8 | 8,1 | 7,7 | 7,6 | 8,3 | 7,2 | 7,7 |
| | | Não | 7,4 | 7,5 | 7,5 | 7,0 | 8,1 | 6,8 | 7,4 |
| D _i Sau | Condição de saúde | Boa ou muito boa | 7,9 | 7,9 | 7,8 | 7,6 | 8,6 | 7,4 | 7,7 |
| | | Regular ou ruim | 7,0 | 6,9 | 7,3 | 6,6 | 7,6 | 6,6 | 6,8 |
| Lib | Liberdade de escolha | Alta (entre 8 e 10) | 8,1 | 8,2 | 8,0 | 7,9 | 8,5 | 7,5 | 7,9 |
| | | Baixa (entre 1 e 7) | 6,9 | 7,0 | 7,1 | 6,6 | 7,2 | 6,7 | 6,9 |
| Val | Importância de Deus na vida do indivíduo | Alta (entre 8 e 10) | 7,7 | 7,9 | 7,7 | 7,4 | 8,3 | 7,1 | 7,6 |
| | | Baixa (entre 1 e 7) | 7,1 | 7,3 | 6,7 | 6,8 | 7,8 | 6,7 | 7,3 |
| D ₁ Sexo | Sexo | Mulher | 7,6 | 7,6 | 7,7 | 7,2 | 8,2 | 7,2 | 7,7 |
| | | Homem | 7,5 | 7,7 | 7,6 | 7,3 | 8,3 | 6,8 | 7,3 |
| D _i Pais | Países | Todos os países | 7,6 | 7,7 | 7,6 | 7,2 | 8,2 | 7,0 | 7,5 |

Nota: ¹ Refere-se a média da felicidade reportada para todos (T) os países pesquisados. Após esta, é apresentada a felicidade média para cada um dos países.

Situação Financeira: Na Tabela 2, Modelo Final, verificou-se que a variável satisfação com a situação financeira familiar (Fin) apresenta influencia positiva sobre a felicidade e é estatisticamente significante, pois foi observado para Fin1 um β estimado igual a 0,229 e significante a 1%. Também foi possível verificar que as pessoas que reportaram alta satisfação com a situação financeira da família, isto é, valores entre 8 e 10, são, na média, 1,4 pontos mais felizes, conforme Tabela 3. Sendo assim, é possível confirmar, para os países selecionados da América Latina, os estudos de Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a) e PESQUISA & DEBATE, SP, volume 26, número 1(47) pp.99-123, jan-mar 2015

Luttmer (2005), em que a situação financeira familiar e o nível salarial dos indivíduos são condicionantes da felicidade.

Relacionamentos Familiares: Na Tabela 2, Modelo Final, constatou-se que as variáveis *dummies* morando junto (D3Fam), divorciado (D4Fam), separado (D5Fam), viúvo (D6Fam) e solteiro (D7Fam) apresentam β estimado negativo. Isto significa que tais estados civis apresentam influencia negativa sobre a felicidade quando comparados aos casados (D2Fam), variável *dummy* esta que foi associada à constante. Por outro lado, ao estimar o Modelo Final com a variável *dummy* casado (D2Fam) e passando todas as outras variáveis (D3Fam a D7Fam) para a constante, constou-se D2Fam com β estimado igual a 0,217 e p-valor significativa a 1%, o que comprova o resultado anterior. A diferença é que neste caso é possível afirmar, embasado neste resultado, que o estado civil casado possui sinal positivo sobre a felicidade e é altamente significativa. Outrossim, para todos os países pesquisados, as pessoas casadas são, na média, 0,4 pontos mais felizes que pessoas em outros estados civis, conforme pode se verificar no Tabela 3. Deste modo, também é válido, para os países selecionados da América Latina, os resultados de Layard (2005) e Easterlin (2003, 2005) de que as pessoas casadas são mais felizes.

Trabalho: Na Tabela 2, Modelo Final, averiguou-se que as únicas variáveis estatisticamente significantes relacionadas à situação empregatícia dos indivíduos eram as *dummies* referentes às donas de casa (D13Tra) e aos desempregados (D15Tra), pois apresentaram, respectivamente, β estimado igual a 0,217 e -0,197 e p-valor igual a 0,001 e 0,013. Interessante notar que ser dona de casa é um aspecto positivo para a felicidade. Este resultado poderia ser motivo de outros estudos, já que na atualidade verifica-se o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, deixando de serem donas de casa, apesar de estas serem, comparativamente, mais felizes que as pessoas empregadas, conforme modelo econométrico apresentado. Por outro lado, os desempregados são, na média, 0,4 pontos menos felizes que qualquer outra situação¹¹, conforme Tabela 3. Assim, como estar desempregado apresenta sinal negativo sobre a felicidade, qualquer outra situação é preferida a esta. Pode-se então confirmar, para os países selecionados, os resultados de Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a) e Di Tella, Macculloch e Oswald (2001), em que é esperado que pessoas empregadas estejam mais felizes que pessoas desempregadas.

¹¹ Refere-se a um indivíduo que está em uma das seguintes situações: empregado, autônomo, pensionista, aposentado, dona de casa, estudante ou outra situação empregatícia não informada.

Comunidade e Amigos: Para avaliar a influência das relações comunitárias e da amizade sobre a felicidade, averiguou-se primeiramente se as pessoas que confiam uma nas outras (D17Com) são mais felizes que aquelas que afirmam que é preciso ser muito cuidadoso com outras pessoas (D18Com), pois se espera que quem confia nas pessoas estará mais apto aos relacionamentos sociais e a fazer amigos, o que motiva estudar estas variáveis. Entretanto, através do modelo econométrico utilizado, não foi possível confirmar para a América Latina o resultado de Layard (2005), em que é a confiança nas pessoas tenha sinal positivo sobre a felicidade. Após isto, uma segunda análise foi feita para averiguar se indivíduos que não participam de qualquer tipo de atividade comunitária (D19Com) são menos felizes. Neste caso, constatou-se que a variável D19Com obteve β estimado igual a -0.181 e significativa a 1%, demonstrando que não participar em atividades comunitárias possui sinal negativo sobre a felicidade. Desta forma, não participar em atividades comunitárias possui sinal negativo sobre a felicidade. O mesmo pode ser visto na Tabela 3, em que as pessoas que participam em alguma atividade comunitária são, na média, 0,4 pontos mais felizes que aquelas que não participam. A partir deste resultado, conclui-se que, para os países pesquisados, é válido o resultado de Helliwell e Putnam (2004), em que o envolvimento social tem sinal positivo sobre a felicidade.

Saúde: Na Tabela 2, Modelo Final, verificou-se que possuir um estado de saúde muito bom ou bom apenas (D21Sau) apresenta sinal positivo sobre a felicidade, pois a variável D21Sau obteve β estimado 0,477 e estatisticamente significativa a 1%. Era esperado que estar em boas condições de saúde é um aspecto altamente importante para a felicidade dos indivíduos. Este resultado também pode ser visto na Tabela 3, em que as pessoas que declaram possuir uma condição de saúde muito boa ou boa são, na média, 0,9 pontos mais felizes que aquelas que declaram condição de saúde regular ou ruim. Desta forma, são válidos para os países selecionados da América Latina os resultados de Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a), Mehnert et al. (1990) e Easterlin (2005), nos quais é esperado que uma boa condição de saúde tenha sinal positivo sobre a felicidade.

Liberdade Pessoal: Para analisar a relação entre liberdade pessoal e felicidade, verificou-se se as pessoas que reportam grau de liberdade pessoal (Lib) mais altos, em uma escala de 1 a 10, são mais felizes. Conforme Tabela 2, Modelo Final, a variável Lib apresentou β estimado igual a 0,183 e significativa a 1%, o que indica que quanto maior a liberdade pessoal relatada maior a felicidade, resultado este estatisticamente significativo. Ainda, na Tabela 3 é possível identificar que os indivíduos que reportaram liberdade pessoal

alta, isto é, entre 8 e 10, são, na média, 1,2 pontos mais felizes que aqueles que reportaram liberdade pessoal baixa, entre 1 e 7. Sendo assim, é cabível confirmar para os países selecionados da América Latina os resultados de Layard (2005), Frey e Stutzer (2002a) e Veenhoven (2000), nos quais o sinal esperado da liberdade pessoal é positivo sobre a felicidade.

Valores Pessoais: Na Tabela 2, Modelo Final, constatou-se que a crença da importância de Deus na vida das pessoas (Val), em uma escala de 1 a 10, apresenta sinal positivo sobre a felicidade, pois a variável Val apresentou β estimado 0,074 e estatisticamente significativa a 1%. Isto demonstra que quanto maior a crença da importância de Deus, mais alta a felicidade. Também é possível identificar Tabela 2 que os indivíduos que informam alta importância de Deus (Val entre 8 e 10) em suas vidas são, na média, 0,6 pontos mais felizes, o que confirma, para a América Latina, os resultados de Layard (2005) e Frey e Stutzer (2002a), em que a crença em Deus possui sinal esperado positivo sobre a felicidade.

Características Demográficas: Os fatores democráticos que foram analisados são sexo e país onde foi feita a pesquisa. Em relação ao sexo, de acordo com a Tabela 2, Modelo Final, as mulheres (D26Sexo) são mais felizes, pois apresentam β estimado igual a 0,117 e p-valor igual a 0,019. Entretanto, tal diferença é pequena e não é geral, pois conforme Tabela 3, na média as mulheres são mais felizes que os homens em apenas 0,1 pontos, considerando todos os países. Entretanto, em alguns países, os homens são mais felizes, na média, que as mulheres. Assim, homens e mulheres apresentam aproximadamente o mesmo nível de felicidade, havendo, porém, uma tendência de as mulheres apresentarem um nível um pouco superior aos homens. Em relação aos países pesquisados, não é possível tirar conclusões a partir da Tabela 2, Modelo Final, pois alguns países são estatisticamente significantes, outros não. Todavia, na Tabela 3, é possível averiguar a média de felicidade por país. O resultado encontrado expõe a seguinte ordem: México, apresentando maior nível médio de felicidade, seguido de Argentina, Brasil, Uruguai, Chile e, com menor nível médio de felicidade, Peru.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como problema de pesquisa a seguinte questão: Quais são os condicionantes da felicidade dos indivíduos? Neste sentido, o objetivo central foi averiguar, pelo meio de pesquisa empírica, os fatores determinantes da felicidade, o que foi feito através da formulação de um modelo de regressão de mínimos quadrados ordinários com dados do

World Values Survey de 2005-2008 para os países Argentina, Brasil, Chile, México, Peru e Uruguai. Tendo como base teórica a análise de Layard (2005)

Os resultados da estimação indicaram que sete fatores – situação financeira, relacionamentos familiares, trabalho, comunidade e amigos, saúde, liberdade pessoal e valores pessoais – são capazes de explicar a felicidade. Averiguou-se então que há certos fatores que se destacam para a felicidade dos indivíduos. Alguns destes fatores podem depender parcialmente da renda: pessoas empregadas são mais felizes, o que pode estar relacionado também com a renda obtida através do emprego; Pessoas em melhor estado de saúde também são mais felizes, sendo que a renda proporciona maior qualidade no tratamento da saúde através da contratação de médicos altamente qualificados, atendimento rápido, compra de medicamentos etc.; Pessoas que sentem possuir maior liberdade pessoal são mais felizes, sendo que a renda permite a liberdade de escolha entre um número maior de bens e serviços. Há possibilidades de que pesquisas aprofundassem tais estudos, avaliando o quanto a felicidade dos indivíduos está relacionada com a renda e o quanto está relacionada a outros fatores. Por exemplo, para as pessoas empregadas, poderia ser averiguado o quanto da felicidade está relacionada à renda obtida pelo emprego e o quanto está relacionado a fatores como a convivência e as relações criadas a partir do trabalho. Por outro lado, há fatores que transcendem ou, ao menos, dependem relativamente menos da renda para se concretizarem: é o caso dos relacionamentos familiares, comunitários e de amizade e dos valores pessoais dos indivíduos. Tais resultados demonstram que a felicidade humana está também nas relações entre os homens e em aspectos holísticos como o sentido da vida e a crença em Deus. Em razão destas conclusões, há possibilidade que novas pesquisas discutam oportunidades de políticas públicas que trabalhem com estes fatores, a fim de elevar a felicidade dos indivíduos.

Portanto, as pesquisas em Economia da Felicidade tem o potencial de avançar ainda mais. A Felicidade poderia ser assinalada como um objetivo central da sociedade, de modo que as realizações sociais passem a ser avaliadas de acordo com a capacidade de aumentarem a felicidade dos indivíduos. Deste modo, os condicionantes da felicidade poderiam balizar, em parte, os objetivos de política econômica e social. Entretanto, a importância da Felicidade deve ser também analisada de forma crítica e relativizada, pois há objetivos que talvez sejam compreendidos como mais essenciais, como é o caso dos direitos humanos, da liberdade e da justiça. Para exemplificar, um indivíduo pobre e explorado socialmente pode se considerar satisfeito em razão de condicionamentos como religião, propaganda política ou pressão social, mas isto não justifica que seja realmente feliz. Além disso, tal indivíduo talvez se sinta

consideravelmente mais satisfeito em razão de pequenos deleites ou na simples possibilidade de obtenções que lhe permitam continuar sobrevivendo. Ainda assim, a Economia da Felicidade oferece a oportunidade de que a sociedade seja valorada pelas realizações sociais capazes de proporcionar a maior felicidade possível aos indivíduos, sendo este trabalho uma contribuição empírica ao responder quais os determinantes da felicidade, os quais merecem a atenção também do economista.

6 BIBLIOGRAFIA

- ARGYLE, Michael. **The Psychology of Happiness**. Hove, England: Routledge, 2001.
- ARIELY, Dan. **Positivamente Irracional**: os benefícios inesperados de desafiar a lógica em todos os aspectos de nossas vidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- ARIELY, Dan. **Previsivelmente Irracional**: as forças ocultas que formam as nossas decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- BRUNI, Luigino. **Civil Happiness**: Economics and human flourishing in historical perspective. New York: Routledge, 2006.
- BRUNI, Luigino. The 'technology of happiness' and the tradition of economic science. In: BRUNI, Luigino; PORTA, Pier Luigi (Eds.). **Handbook on the Economics of Happiness**. Cheltenham: Edward Elgar, 2007.
- BRUNI, Luigino; PORTA, Pier Luigi (Eds.). **Economics & Happiness**: framing the analysis. New York: Oxford University Press, 2005.
- BRUNI, Luigino; PORTA, Pier Luigi (Eds.). **Handbook on the Economics of Happiness**. Cheltenham: Edward Elgar, 2007a.
- BRUNI, Luigino; PORTA, Pier Luigi. Introduction. In: BRUNI, Luigino; PORTA, Pier Luigi (Eds.). **Handbook on the Economics of Happiness**. Cheltenham: Edward Elgar, 2007b.
- BRUNI, Luigino; STANCA, Luca. Watching Alone: Relational Goods, Television and Happiness. **Journal of Economic Behavior & Organization**, Elsevier, v. 65, n. 3-4, p. 506-528, mar. 2008.
- BRUNI, Luigino; ZAMAGNI, Luigino. **Economia Civil**: eficiencia, equidade, felicidade pública. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2010.
- CASSIERS, Isabelle; DELAIN, Catherine. La croissance ne fait pas le bonheur : les économistes le savent-ils ? **Regards Économiques**, n. 38, p 1-14, mar. 2006.

DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J.; OSWALD, A. J. The Macroeconomics of Happiness. **Review of Economics and Statistics**, v. 85, p. 809-827, 2003.

DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J.; OSWALD, A.J. Preferences over Inflation and Unemployment: Evidence from Surveys of Happiness. **The American Economic Review**, v. 91, n. 1, p. 335-341, mar. 2001.

DIENER, Ed; OISHI, Shigehiro. Money and Happiness: Income and Subjective Well-Being Across Nations. In: DIENER, Ed; SUH, Eunkook M. (Eds.). **Culture and Subjective Well-Being**. MIT Press: Cambridge, MA, 2000.

DIENER, Ed; SELIGMAN, Martin E.P. Beyond Money: Toward an Economy of Well-Being. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 5, n. 1, p. 1-31, 2004.

DIXON, Huw D. Controversy: Economics and Happiness. **The Economic Journal**, v. 107, n. 445, p. 1812-1814, nov. 1997.

DOLAN, Paul; PEASGOOD, Tessa; WHITE, Mathew. Do we really know what makes us happy? A review of the economic literature on the factors associated with subjective well-being. **Journal of Economic Psychology**, v. 29, n. 1, p. 94-122, 2008.

EASTERLIN, Richard Ainley. Building a Better Theory of Well-Being. In: BRUNI, Luigino; PORTA, Pier Luigi (Eds.). **Economics & Happiness: framing the analysis**. New York: Oxford University Press, 2005.

EASTERLIN, Richard Ainley. Does Economic Growth Improve the Human Lot? In: DAVID, Paul; REDER, Melvin (Eds.). **Nations and Households in Economic Growth: Essays in Honor of Moses Abramovitz**. New York: Academic Press, 1974.

EASTERLIN, Richard Ainley. Explaining happiness. **PNAS 2003**. National Academy of Sciences, v. 100, n. 19, p. 11176-11183, set. 2003.

EASTERLIN, Richard Ainley. The Worldwide Standard of Living Since 1800. **Journal of Economic Perspectives**, v. 14, n. 1, p. 7-26, 2000.

EASTERLIN, Richard Ainley. Will raising the income of all increase the happiness of all? **Journal of Economic Behaviour and Organization**, v. 27, p. 35-47, 1995.

FRANK, Robert H. **Choosing the Right Pond: Human Behavior and the Quest for Status**. New York: Oxford University Press, 1985.

FRANK, Robert H. The Frame of Reference as a Public Good. **The Economic Journal**, v. 107, n. 445, p. 1832-1847, nov. 1997.

FREY, Bruno S. **Happiness: A Revolution in Economics**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2008.

- FREY, Bruno S.; STUTZER, Alois (Eds.). **Economics and Psychology: A Promising New Cross-disciplinary Field**. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2007.
- FREY, Bruno S.; STUTZER, Alois. **Happiness & Economics: How the economy and institutions affect human well-being**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2002a.
- FREY, Bruno S.; STUTZER, Alois. What Can Economists Learn from Happiness Research? **Journal of Economic Literature**, v. 40, n. 2, p. 402-435, jun. 2002b.
- GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GRAHAM, Carol. Economics of happiness. In: DURLAUF, Steven N.; BLUME, Lawrence E. (Eds.). **The New Palgrave Dictionary of Economics**. 2. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2008.
- GRAHAM, Carol. The Economics of Happiness: Insights on Globalization from a Novel Approach. **World Economics**, v. 6, n.3, p. 41-55, jul.-set. 2005.
- GUJARATI, Damodar N. **Econometria Básica**. São Paulo: Makron Books, 2000.
- HELLIWELL, John F.; PUTNAM, Robert D. The social context of well-being. **Phil Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci**, v. 359, n. 1449, p. 1435–1446, set. 2004.
- HIRSCH, Fred. **Social Limits to Growth**. London: Routledge, 1977.
- HUNT, E. K. **Historia do Pensamento Econômico: Uma perspectiva crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- INGLEHART, Ronald. **Culture Shift in Advanced Industrial Society**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1990.
- INGLEHART, Ronald. et al. World Values Surveys And European Values Surveys, 1981-1984, 1990-1993, and 1995-1997. Ann Arbor, Michigan: **Institute for Social Research**, 2000.
- KAHNEMAN, Daniel; DIENER, Ed; SCHWARZ, Norbert (Eds.). **Well-Being: The Foundations of Hedonic Psychology**. New York: Russell Sage Foundation, 1999.
- KAHNEMAN, Daniel; KRUEGER, Alan B. Developments in the Measurement of Subjective Well-Being. **Journal of Economic Perspectives**, v. 20, n. 1, p. 3-24, 2006.
- LANE, Robert. **The Loss of Happiness in Market Economies**. New Haven: Yale University Press, 2000.
- LAYARD, Richard. **Happiness: Lessons from a New Science**. Grã-Bretanha: Editora Allen Lane, 2005.

- LAYARD, Richard. Human satisfactions and public policy. **The Economic Journal**, v. 90, n. 360, p. 737-750, dez. 1980.
- LUTTMER, Erzo F. P. Neighbors as Negatives: Relative Earnings and Well-Being. **The Quarterly Journal of Economics**, MIT Press, v. 120, n. 3, p. 963-1002, ago. 2005.
- MEHNERT, T. et al. Correlates of life satisfaction in those with disabling conditions. **Rehabilitation Psychology**, v. 35, n.1, p. 3-17, 1990.
- MICHALOS, Alex C. **Global Report on Student Well-Being: Volume 1: Life Satisfaction and Happiness**. New-York: Springer-Verlag, 1991.
- MYERS, David G. **The Pursuit of Happiness: Who is Happy – And Why?** New York: Aquarian Press, 1993.
- NG, Yew-Kwang. A Case for Happiness, Cardinalism, and Interpersonal Comparability. **The Economic Journal**, v. 107, n. 445, p. 1848-1858, nov. 1997.
- NG, Yew-Kwang. Economic Growth and Social Welfare: The Need for a Complete Study of Happiness. **Kyklos**, v. 31, n. 4, p. 575-587, nov. 1978.
- OSWALD, Andrew J. Happiness and Economic Performance. **The Economic Journal**, v. 107, n. 445, p. 1815-1831, nov. 1997.
- PINDYCK, Robert S.; RUBINFELD, Daniel L. **Econometria: modelos e previsões**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- SACHES, Jeffrey. Introduction. In: HELLIWELL, John; LAYARD, Richard; SACHS, Jeffrey (Eds.). **World Happiness Report**. New York: Earth Institute, Columbia University, 2012
- SCITOVSKY, Tibor. **The joyless economy: An inquiry into human satisfaction and consumer dissatisfaction**. Oxford, England: Oxford University Press, 1976.
- SOARES, Ilton; CASTELAR, Ivan. **Econometria Aplicada com uso do EViews**. Fortaleza: UFC/CAEN, 2003.
- SUMNER, L. W. **Welfare, Happiness, and Ethics**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- VEENHOVEN, Ruut. Freedom and happiness: a comparative study in 44 nations in the early 1990's. In: DIENER, E; SUH, E.M. (Eds.). **Culture and Subjective Wellbeing**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- VEENHOVEN, Ruut. Happiness in Hardship. In: BRUNI, Luigino; PORTA, Pier Luigi (Eds.). **Economics & Happiness: framing the analysis**. New York: Oxford University Press, 2005.

VEENHOVEN, Ruut. Happiness in Nations: subjective appreciation of life in 56 nations 1946-1992. **Rotterdam**, Netherlands: Erasmus University Press, 1993.

WVS (World Values Survey). **2005 Official Data File v.20090901**, 2009.

WVS (World Values Survey). **Values Change The World**. Disponível em:

<http://www.worldvaluessurvey.org/wvs/articles/folder_published/article_base_110/files/WV_Sbrochure6-2008_11.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2012.